

Série Vaga-Lume



A NOITE DOS QUATRO FURACÕES

Raul Drewnick

Ilustrações

Roko

A noite dos quatro Furacões

© Raul Drewnick, 2005

Diretor editorial	Fernando Paixão
Coordenadora editorial	Gabriela Dias
Editora	Carmen Lucia Campos
Editor-assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Preparador	Imidio de Pina Barros Júnior
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Luicy Caetano de Oliveira Luciene Lima

ARTE

Editores	Antonio Paulos Cintia Maria da Silva
Assistentes	Claudemir Camargo Eduardo Rodrigues
Editoração eletrônica	Divina Rocha Corte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
D832n

Drewnick, Raul, 1938-

A noite dos quatro Furacões / Raul Drewnick. - São Paulo :
Ática, 2005.

144p. : il. -(Vaga-Lume ; 96)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978 85 08 09502-5

1. Literatura juvenil. I. Título. II. Série.

04-2854

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 09502-5 (aluno)

ISBN 978 85 08 09503-2 (professor)

Código da obra CL 731808

CAE: 224077

2015

1ª edição

8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A., 2005
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Decisão em ritmo acelerado

Gugu na bateria, Marquinho na guitarra, Fontão no vocal, Fontinho no baixo. Com vocês, os Furacões!

Esse é o quarteto que quer arrasar no festival de rock do clube. No do ano passado, perderam o título para os Diabos da Meia-Noite, conjunto do insuportável Glauco, e agora desejam a revanche.

Gugu treina duro na bateria, faz planos, enche o pessoal de ânimo, sonha dia e noite com o êxito dos Furacões. Só que os seus amigos da banda, de uma hora para outra, já não parecem tão amigos assim, e o baterista suspeita que estejam tramando contra ele. O clima de desunião parece rondar também a casa de Gugu, com os pais começando a se desentender cada vez mais. Como se não bastasse, ele se vê perseguido por um misterioso espião, que não dá trégua e acompanha todos os seus movimentos.

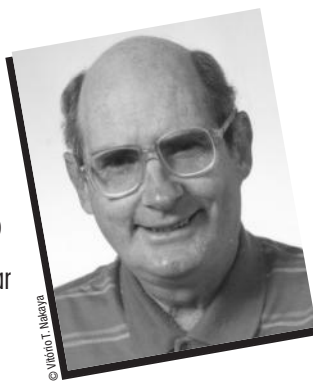
Com tantos problemas para resolver, será que Gugu vai conseguir juntar forças, reunir os Furacões e se preparar a tempo para brilhar no festival?

Raul Drewnick é um nome já bem conhecido dos jovens leitores. Sua estreia na literatura juvenil foi na própria Vaga-Lume, em 1994, com *Um inimigo em cada esquina*. A partir daí seguiram-se outros quatro sucessos de Raul dentro da coleção: *A grande virada*, *Correndo contra o destino*, *O preço da coragem* e *Vencer ou vencer*.

Fascinado por esportes, Raul compôs vários enredos em que eles são o pano de fundo. O basquete, o vôlei, o atletismo e o futebol — seu maior fascínio — já ambientaram suas histórias.

Se o futebol é uma de suas fixações, o gosto pela literatura não fica atrás. Na infância, conheceu os livros de Monteiro Lobato, de quem se tornou fã de imediato. Traçou um objetivo: queria ser escritor, como ele. Pelos admiradores que ganhou com essa iniciativa, só se pode constatar: não poderia haver escolha melhor!

Sempre afinado com os temas que empolgam a garotada, neste livro Raul traz à cena os Furacões, uma banda que vem com tudo para brilhar num festival de *rock* e para conquistar a simpatia dos leitores.



Sumário

1. <i>Ai, essa bateria</i>	7
2. <i>Essa banda vai mal</i>	10
3. <i>Um pacto furado</i>	16
4. <i>Os vizinhos indesejáveis</i>	17
5. <i>Marquinho, o perdedor</i>	20
6. <i>Tanta esperança, tanto medo</i>	25
7. <i>Os outros dois molengas</i>	30
8. <i>No ar, um cheiro de traição</i>	35
9. <i>Unidos pelo despeito</i>	42
10. <i>A bonequinha sem juízo</i>	49
11. <i>Três rapazes suspeitos</i>	53
12. <i>A ficha do baixinho</i>	56
13. <i>De olhos bem abertos</i>	61
14. <i>Lembra da Marilisa?</i>	63
15. <i>Novas traições da memória</i>	66
16. <i>Líder nato, garoto sapiente</i>	68
17. <i>A dupla Van-Van</i>	74
18. <i>O baixinho na porta</i>	78

19. <i>Veja quem tocou a campainha</i>	81
20. <i>O novo nome do ravióli</i>	84
21. <i>Os segredos do espião</i>	88
22. <i>A mãe no pôster</i>	93
23. <i>Um abraço para os primos</i>	96
24. <i>Sem baixista e sem vocalista</i>	99
25. <i>As tristezas de janeiro</i>	103
26. <i>Que garota é essa?</i>	106
27. <i>Mais surpresas</i>	109
28. <i>A música sem-nome</i>	116
29. <i>Fevereiro e suas tramas</i>	119
30. <i>Fingindo-se de mortos</i>	122
31. <i>Um amor fraquinho</i>	124
32. <i>A hora é agora</i>	127
33. <i>Fuga, tumulto e os campeões</i>	131
34. <i>Um ladrão no rádio</i>	134

1 **AI, ESSA BATERIA**

A batida selvagem das baquetas atravessou a porta fechada do quarto de Gugu no alto do sobrado, desceu a escada com a força de uma cachoeira e chegou até a sala, onde sua mãe estava falando ao telefone com uma amiga.

– Ai, meu Deus – queixou-se Olga. – Está ouvindo?

– O que foi? Está havendo um terremoto aí?

Olga riu:

– Mais ou menos. É o Gustavo tocando a bateria. É, a bateria. Pode um negócio desses? Um dia de férias e ele já acordado, tão cedo, com essa disposição. Não é um mistério? O que foi que você disse, Marilisa?

– Eu não disse nada.

– O quê?

– Eu falei que não disse nada, Olga.

– O quê? O quê? Acho melhor a gente desligar e tentar mais tarde. Tudo bem?

Antes que Marilisa respondesse, a música que Gugu estava acompanhando chegou ao fim, e ele deu uma folga à bateria. Outra pessoa, não habituada com essa passagem brusca do ruído para o silêncio, pensaria ter ficado surda. Mas Olga conhecia bem essa rotina. Fazia quatro anos que Gugu tocava bateria.

Ela percebeu que a amiga ainda estava na linha:

– Ainda bem que você não desligou. Acho que agora podemos continuar a conversa. O terremoto acabou. Onde é que a gente estava?

– Eu estava dizendo que daqui a uma semana, por aí, vou voltar a ser sua vizinha. Foi por isso que eu liguei. Você chegou a ouvir isso?

– Ouvi, sim. Que ótima notícia! Quer dizer que o inquilino aceitou desocupar a casa?

– Ele saiu ontem. As chaves já estão comigo. Amanhã vou até lá com o pintor e o pedreiro. A casa precisa de uma ajeitada geral, sabe como é. Um inquilino nunca é tão cuidadoso como o dono. E três anos são três anos.

– Nossa, como o tempo passa! Três anos já, Marilisa?

– Para mim, parece que foram vinte. Para o William e a Melissa também. Os dois detestaram tudo, desde o primeiro dia: o bairro, a escola, os coleguinhas.

– É mesmo?

– É. E eu dou razão a eles. Ô bairro de gente metida a besta! Até o Anderson, que tanto quis vir para cá, logo se arrependeu. No começo, ele achava que era intolerância minha, do William e da Mel, mas logo viu que não era. Não é fácil aguentar o pessoal daqui. Sabe o que ele me disse agorinha mesmo, antes de sair para o trabalho? Que, se a casa aí estivesse em ordem, ele ia querer sair daqui hoje. Para você ver como as coisas mudam, não é?

– É verdade.

– Você vai sair amanhã de manhã, Olguinha?

– Amanhã... Deixe ver... Não. Eu só trabalho na loja à tarde, você sabe. Por quê?

– Eu estou pensando em dar uma passadinha por aí antes de ir com o pintor e o pedreiro lá para a minha casa. Posso?

– Lógico. Assim eu começo a matar a saudade. Depois que você se mudou, quantas vezes a gente se viu?

– Sei lá, Olguinha. Umas três, por aí. Uma no Ibirapuera, uma no *shopping* e outra no salão da Mitiko e do marido.

– É. Faz tempo.

– A Mitiko ainda tem o salão de beleza?

– Tem, sim. Mas o marido...

– O que tem o marido? Você não vai me dizer que...

– Os dois brigaram e ele foi embora, parece que para o Japão.

– Quantos anos durou o casamento?

– Sei lá. Acho que dois ou três, Marilisa.

– Estou vendo que daqui a pouco as únicas exceções vamos ser nós. Eu e o Anderson, você e o Gérson. Onde

você vê casamentos assim, de mais de quinze anos? Às vezes, eu e o Anderson conversamos sobre isso, e sabe como a gente se sente? Como se nós fôssemos uns bichos de outros tempos, uns dinossauros.

– Sabe que eu e o Gérson também? Outro dia eu perguntei para ele: será que nós dois somos normais?

Marilisa deu uma gargalhada:

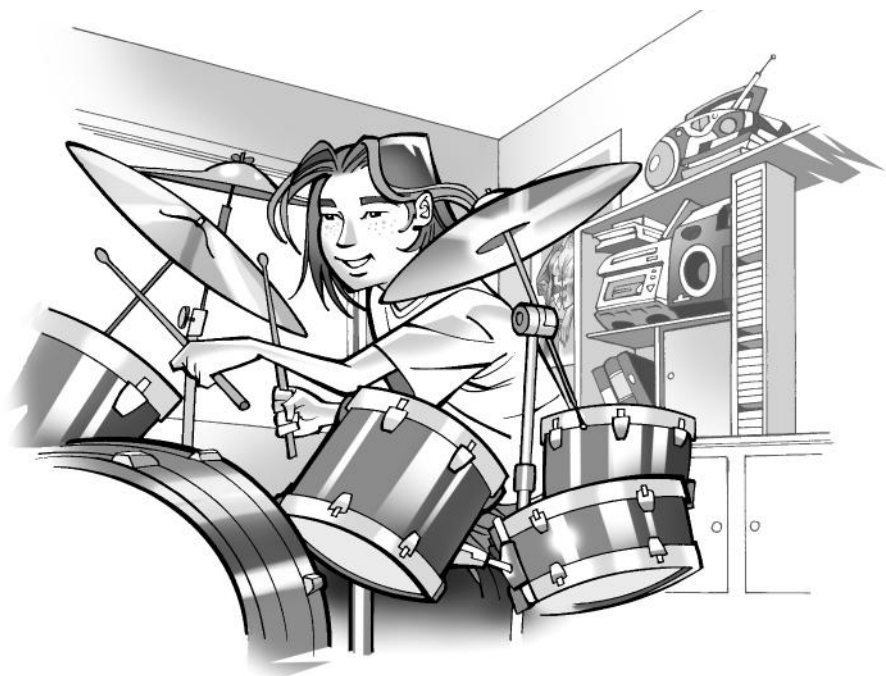
– Olguinha, você é demais. Estou me lembrando daquele...

Olga não conseguiu ouvir o fim da frase. Lá em cima, Gugu tinha começado a acompanhar outra música.

– Tchau, Marilisa – ela gritou. – Amanhã cedo a gente conversa, está bem?

– Minha sorte é que o William ainda está na cama. Daqui a pouco ele acorda e pega também a guitarra, e aí acaba o meu sossego.

– Quer dizer que você também tem um artista em casa?
 – disse Olga, divertida.



– É, parece que, dos doze aos quinze anos, todos os garotos do mundo querem ser só guitarristas, bateristas, essas coisas. A Mel gosta de música também, mas ela é mais de cantar. Tchau. Amanhã a gente se vê – despediu-se Marilisa.

Olga atravessou a cozinha e foi ligar a máquina de lavar roupa, no quintal. Reconhecendo a música que Gugu estava acompanhando, ela disse:

– Dessa eu gosto.

A vizinha, que estava no quintal, esticou o pescoço por cima do muro e perguntou:

– Falando sozinha, dona Olga?

– Não. Estou falando comigo – ela disse, imaginando se a vizinha ia achar aquilo uma resposta bem ou mal-humorada.

Voltou para a cozinha, ainda intrigada: o que podia estar havendo com Gugu para ele, numa manhã de janeiro, em plenas férias escolares, estar acordado tão cedo e fazendo todo aquele barulho?

– Isso é um mistério, um grande mistério – ela concluiu, pondo a cafeteira no fogão.

– Falando sozinha, Olga?

– Gérson, sabe que é a segunda vez que me perguntam isso hoje? – ela disse, antes de receber no rosto um beijo estalado do marido.

2 **ESSA BANDA VAI MAL**

Gérson deu outro beijo em Olga, ainda mais estalado que o primeiro, e perguntou:

– O que foi que você falou?

– Que é a segunda vez, hoje, que me perguntam isso.
– O quê? – ele disse, curvando-se para ela, enrugando o rosto e pondo a mão em concha no ouvido, tentando isolar o som que continuava a descer a escada.

– Eu disse que hoje já me pegaram duas vezes falando sozinha, que nem louca – Olga berrou.

– Está gritando comigo por quê? Eu não sou surdo.

– Mas eu estou ficando, com toda essa barulheira.

– Barulheira? Essa da bateria? Sabe que eu não tinha nem reparado?

– Ah, você está brincando, não está, Gérson?

– Não estou, não. É sério. Como o Gugu melhorou! Você está ouvindo isso? Você está ouvindo?

Olga olhou para o marido com espanto. Se era justamente daquele som que ela estava tentando falar, como era possível ele perguntar se ela estava ouvindo aquilo?

Ela desligou o fogão e pegou a cafeteira, que tinha começado a se agitar e assobiar para chamar a atenção. Encheu a xícara de Gérson e apanhou dois envelopes de adoçante para ele. Quando ia falar do telefonema de Marilisa, o marido, com o polegar levantado, deu a nota para o desempenho musical do filho:

– Ele está bom demais. Cada dia melhor. E isto aqui também.

– O café?

– É. Huumm! O que você fez para ele ficar assim gostoso?

– Eu devo ter cometido algum erro – ela brincou. – Só pode ter sido isso.

Dando uma mordida no sanduíche, ele comentou:

– E isto aqui também está uma delícia.

– Acho que eu vou fechar a butique e abrir uma lanchonete.

Parando de mastigar, ele olhou para cima:

– Escuta! Escuta! Que beleza!

Olga se concentrou, disposta a sentir, no som da bateria, o mesmo prazer que o rosto de Gérson expressava. Mas

o som se interrompeu e foi imediatamente substituído por um barulhão na escada. Era Gugu descendo os dezenove degraus aos saltos, como quase sempre fazia, arrancando gemidos agudíssimos dos seus tênis.

Quando ele entrou na cozinha, precipitado como se estivesse no final de uma corrida que não pudesse perder de jeito nenhum, o pai e a mãe sorriram. Era um belo garoto. Talvez um pouco estabonado, algumas vezes esperançoso demais, quase ingênuo, outras vezes absurdamente desesperançado, mas os dois achavam que ele tinha mais qualidades que defeitos, e ninguém podia negar o fascínio do seu rosto levemente sardento e dos seus olhos suavemente azuis.

Talvez ficasse melhor com os cabelos um pouco mais curtos e as unhas um pouco menos compridas, pensou Olga, mas todas as restrições que pudesse imaginar, incluindo aquela bateria, que às vezes a incomodava, foram esquecidas quando Gugu, com aquele jeito irresistível, puxou a cadeira e, sentando-se, exclamou, cantarolando:

– Mãezona, o café está com um cheiro legaaalll, sensacionaaalll, gostosuraaalll!

Enquanto Gérson ria, deixando um pedacinho de pão escapar da boca, Olga perguntou, deliciada:

– Gostosural? De onde você tirou essa, filho?

– Daqui, ó, mãe – explicou Gugu, apontando a cabeça.

– Do meu cérebro privilegiado.

– Quer dizer, então, que o cheiro do meu café está... gostosural?

– É isso aí, mãe. Você aprende fácil.

– Mas não foi por isso que você despencou do quarto, foi? Você nem gosta de café...

– É verdade, mãe. Mas um suco até que ia bem...

– Um suco de laranja gostosural – sugeriu Gérson, enquanto Olga abria a geladeira e pegava três laranjas.

– O que aconteceu para você pular da cama assim cedo? – ela perguntou.

– É a banda, mãe. Vai mal. Não estou conseguindo reunir a turma. Eles não podem à tarde, nem à noite. Vamos ver se podem de manhã.

Gérson, sempre mais interessado do que Olga quando o assunto era a paixão de Gugu pela música, adiou o gole que ia dar e, com a xícara suspensa, quis saber:

– Vocês não estão ensaiando? O festival é em abril, não é?

– É, pai. Vinte e três de abril. Nós temos três meses para escolher a música, acertar os arranjos, o vocal e caprichar até deixar tudo em cima, senão aqueles caras vão ganhar da gente outra vez, na maior moleza.

Aqueles caras de quem Gugu falava eram os quatro rapazes que, com o nome de Diabos da Meia-Noite, tinham vencido no ano anterior o 1º Festival de Bandas de Rock do Grêmio Esportivo e Social 23 de Abril, um clube inaugurado quarenta anos antes e que havia chegado a formar boas equipes de vôlei, basquete e principalmente de natação. Das suas piscinas saíram quatro nadadores que depois fizeram sucesso em clubes maiores.

Algumas administrações infelizes tinham levado pouco a pouco o 23 de Abril a uma situação difícil. Não havia mais vôlei nem basquete, e nas piscinas arruinadas podiam ser vistos agora só nadadores de fim de semana, cuja única habilidade era esparramar água.

Precisando de pelo menos mais uma vintena de sócios para dividir as despesas de manutenção, o clube vinha planejando algumas atividades com as quais seu presidente, eleito um ano e meio antes, esperava voltar a atrair os jovens do bairro.

Aos sábados à tarde, o salão de festas se abria para os rapazes e as garotas que gostavam de dançar e falava-se em formar algumas equipes esportivas. Um dos sonhos do presidente era fazer uma parceria com o colégio do bairro. Com uma mensalidade baixa, os alunos poderiam frequentar o clube.

O maior êxito da nova diretoria havia sido o festival de bandas de *rock* realizado um ano antes, no dia do aniversário do clube. Doze conjuntos tinham se apresentado no salão de festas, e o presidente do 23 de Abril, ao anunciar a decisão do júri, dando a vitória aos Diabos da Meia-Noite e o segundo lugar aos Furacões, elogiou o bom nível dos jovens concorrentes (o limite de idade era de quinze anos), fazendo votos para que no festival seguinte mais bandas se inscrevessem e que, como naquela noite, fossem vendidos todos os ingressos.

Gugu aceitaria perder para qualquer outra banda. Mas ser derrotado pelos Diabos da Meia-Noite era humilhação demais. Ao receber o troféu, Glauco, o líder dos Diabos, tinha sorrido para Gugu, como se dissesse:

– É o segundo chapéu que dou em você, certo?

E Gugu se lembrou de uma garota da escola, Beatriz, que parecia tão interessada nele, tão apaixonada por ele, até o dia em que Glauco passou de mãos dadas com ela, no pátio, dando aquele sorriso que podia ser traduzido assim:

– Pra você, cara, a Beatriz já era.

Na noite do festival, Beatriz nem estava mais na escola e Gugu nunca mais havia pensado nela. Mas, enquanto recebia com os três companheiros, ali no palco, os aplausos pelo vice-campeonato, ele se lembrou dela, dos seus olhos, da boca, do biquinho que ela fazia ao dizer o nome dele. E suspirou: ah, Beatriz...

Depois dessa noite, ele vinha fazendo planos, insistindo para que os amigos não desanimassem, caprichando nos ensaios, sonhando todas as noites com o triunfo, e agora...

Agora era obrigado a reconhecer, diante do olhar preocupado do pai:

– Se a coisa não mudar, acho que vai ser o fim dos Furacões.